

## LEITURA, ARGUMENTAÇÃO E REFERENCIAÇÃO: UMA POSSIBILIDADE DE EXPLORAÇÃO TEXTUAL PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

### READING, ARGUMENTATION AND REFERENCING: A POSSIBILITY OF TEXTUAL EXPLORATION FOR BASIC EDUCATION

Vaima Regina Alves Motta<sup>1</sup>

Aline Rubiane Arnemann<sup>2</sup>

Cristiano Egger Veçossi<sup>3</sup>

**RESUMO:** No presente artigo, discutimos a importância da referenciação no processo de leitura, principalmente considerando as contribuições da Linguística do Texto e as implicações para o trabalho do professor em sala de aula. Para tanto, inicialmente, tecemos considerações teóricas sobre leitura (KOCH, 2002, 2015; KOCH e ELIAS, 2012, 2016; SOLÉ, 1998), argumentação (KOCH e ELIAS, 2014a, 2014b, 2016; CAVALCANTE et al, 2014) e referenciação (especialmente a partir de KOCH, 2002; 2015). Na sequência, realizamos a análise de um artigo de opinião que aborda uma questão polêmica a qual ganhou grande repercussão na mídia, com ênfase sobre o emprego da referenciação no texto e o impacto do uso desses elementos para a leitura. Por fim, apresentamos uma possibilidade de exploração do referido texto, com o propósito de que, a partir de adaptações e ampliações realizadas pelos docentes, venha a contribuir para a qualificação da competência leitora de textos argumentativos pelos alunos da Educação Básica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura. Argumentação. Referenciação. Educação Básica.

**ABSTRACT:** In this article, we discuss the importance of referencing in the reading process, mainly considering the contributions of Text Linguistics and the implications for the teacher's work in the classroom. To do so, initially, we made theoretical considerations about reading (KOCH, 2002, 2015; KOCH and ELIAS, 2012, 2016; SOLÉ, 1998), argumentation (KOCH and ELIAS, 2014a, 2014b, 2016; CAVALCANTE et al, 2014) and referencing (especially from KOCH, 2002; 2015). Next, we carried out an analysis of an opinion article that addresses a controversial issue which gained great repercussion in the media, with emphasis on the use of referencing in the text and the impact of using these elements for reading. Finally, we present a possibility of exploring the aforementioned text, with the aim that, based on adaptations and

---

<sup>1</sup>Doutora em Letras - Estudos Linguísticos. Professora do Departamento de Metodologia do Ensino/UFSM. Também atua no PPGLetras/UFSM - Linha de pesquisa Estudos do Texto e Práticas Linguísticas. [vaima.motta@ufsm.br](mailto:vaima.motta@ufsm.br).

<sup>2</sup>Doutora em Letras - Estudos Linguísticos. Pós-doutoranda do PPGLetras/UNIFESP. Integrante do grupo de pesquisa Texto, Hipertexto e Ensino de Língua Portuguesa – THELPO. [arnemannaline@unifesp.br](mailto:arnemannaline@unifesp.br).

<sup>3</sup>Doutor em Letras - Estudos Linguísticos. Professor na Educação Básica, Ensino Médio, no estado do Rio Grande do Sul. Também atua no Curso de Letras - Português e Literaturas a Distância da UAB-UFSM. [cristiano.vecossi@ufsm.br](mailto:cristiano.vecossi@ufsm.br).

expansions carried out by the teachers, it will contribute to the qualification of the reading competence of argumentative texts by Basic Education students.

**KEYWORDS:** Reading. Argumentation. Referencing. Basic Education.

### Considerações iniciais

*“O texto abre portas para o inusitado [...] para o acontecimento conduzir a reflexão”.*  
(GERALDI, 2010, p. 24)

Estudar e trazer ao espaço de discussão a temática da leitura, provavelmente, não deixará de ser atual, pois enquanto ato responsivo, na acepção bakhtiniana (BAKHTIN, 2011), subsidia e impulsiona a humanidade a angariar e a efetivar avanços em todas as áreas, em especial a que muito nos toca e que está imbricada de modo mais ou menos direto a todas as demais áreas: a educação. Assim, a leitura institui-se como uma ferramenta de reflexão humana.

Nesse escopo, a nós, professores e estudiosos de Linguística do Texto, cabe o papel de desenvolver investigações que aproximem teoria e prática com vistas a conferir subsídios àqueles que demandam (até mesmo sem saber) da leitura como um ato de cidadania. Nesse sentido, precisamos ter bem clara nossa acepção quanto ao texto, nosso objeto de estudo. Beaugrande (1997) dispõe que o texto é um evento comunicativo, além disso pode ser compreendido pela metáfora do *iceberg*, pois envolve muito além do que é expresso em sua materialidade.

Um dos desafios que temos consiste em alcançar o que está além da materialidade do texto ou a que caminhos ela pode nos conduzir, a fim de que possamos produzir sentido acerca do que lemos e, também, do que elaboramos a partir de nossas leituras. Em cenário educacional, isso é crucial, visto que adentramos na esfera dos processos de ensino e de aprendizagem de leitura. Diante disso, nosso objetivo, aqui, é discutir a importância da referenciação no processo de leitura, principalmente considerando as contribuições da Linguística do Texto e as implicações para o trabalho do professor em sala de aula.

Para dar conta de nossa proposta, após estas considerações iniciais, trazemos o referencial teórico, o qual está centrado em três eixos, quais sejam: leitura, argumentação e referenciação. Na sequência, apresentamos a análise e discussão do *corpus*, procurando relacionar o jogo referencial presente no texto em análise com uma possibilidade de encaminhamento de trabalho com a leitura do texto argumentativo em sala de aula. Por fim,

registramos nossas considerações finais, são trazidas as referências, e, em anexo, o artigo de opinião analisado. Realizado esse delineamento, avancemos à próxima seção.

### **Leitura: algumas considerações**

Texto, para Koch (2015, p. 44), é: “[...] o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos”. Essa concepção revela um diferencial significativo, considerando tantos outros conceitos que o precederam, pois denota um movimento responsivo do leitor na constituição do processo de compreensão e interpretação da produção escrita no geral. Aqui, não existe a intenção de discutir méritos ou fragilidades dos conceitos predecessores ou resgatá-los cronologicamente, mas indiciar nossa linha de discussão teórico-conceitual, atrelada às perspectivas interacionais da linguagem – no caso a Linguística do Texto (LT).

Assim, mesmo que os textos comportem mecanismos determinados pelo autor, os quais pavimentam tanto a escrita quanto a leitura, o leitor ativo lançará mão de estratégias, de conhecimentos prévios para nessa interação produzir sentido e, dessa forma, significar o diálogo leitor-texto-autor, a partir de um objetivo particular. Nessa linha de raciocínio, nem todas as percepções do interlocutor-leitor são previstas ou validadas antecipadamente pelo autor, mas estarão em jogo para serem confirmadas ou refutadas ao longo da leitura.

Atualmente, essa forma dialógica de conceber a leitura pela LT institui, no ato colaborativo, a possibilidade da referida construção de sentido, desde que devidamente subsidiada por saberes que envolvem o próprio fenômeno em questão. Como asseveram Koch e Elias (2016) sobre a definição de leitura, trata-se de

[...] uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH; ELIAS, 2016, p. 11).

Como especificar, então, possibilidades para o papel desse leitor-ativo? Sendo a atividade complexa, como pontuada na citação, muitos fatores interferem no processo e são definidores do resultado da ação. Para dar conta do objetivo principal deste artigo, vamos delimitar nosso olhar para a referenciação, na tentativa também de sinalizar para o alcance da leitura quando o sujeito acessa e movimenta de forma sistemática os diversos recursos para ler

um texto. Tal provocação reafirma a sentença de que o resultado do processo leitor está atrelado aos saberes ativados cuidadosamente para a integralidade da ação.

Situando estratégias, nesse universo do movimento da leitura, Koch (2002, p. 48) faz menção aos “sistemas de conhecimento acessados por ocasião do processamento textual” e destaca que estão implicados nesse processo o conhecimento linguístico, o conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo e o conhecimento sociointeracional. A partir disso, o interlocutor-leitor assumiria, sem inflexibilidade, mas com nitidez, um contrato protocolar para nortear a compreensão e a interpretação de um texto. Essas possibilidades configuram hipóteses interpretativas e produtoras de sentido, as quais geram um duplo movimento em relação ao que o leitor consegue perceber indiciado no texto e o que ele pode acessar em seus saberes prévios, gerando retroalimentação e renovação de sua competência leitora.

O conhecimento linguístico, segundo Koch (2002), abarca os saberes gramaticais e lexicais, os quais permitem compreensão da: “[...] organização do material linguístico na superfície textual: pelo uso dos meios coesivos que a língua põe à disposição para efetuar a remissão ou sequenciação textual: pela seleção lexical adequada ao tema e/ou aos modelos cognitivos ativados”. (KOCH, 2002, p. 48).

Na mobilização desses conhecimentos, o sujeito-leitor rastreará a superfície textual, mapeando elementos planificados linguisticamente, mas sem perder de vista a relação obtida por esses para um sentido maior. O conhecimento enciclopédico, por sua vez, ou conhecimento de mundo envolve, ainda conforme a autora, saberes gerais sobre o mundo, abarcando vivências e localizações sociais, devidamente alocadas na memória de longo termo. Esse conhecimento equivale – de certa maneira – a um vultoso dicionário enciclopédico sobre o mundo e a cultura conhecida por nós. Já o interacional “[...] é o conhecimento sobre as ações verbais, isto é, sobre as formas de inter-ação através da linguagem”. (KOCH, 2002, p. 48). Esse último abrange os conhecimentos ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural. Resumidamente, o ilocucional facilita o reconhecimento de objetivos e propósitos do interlocutor-autor, considerando determinada interação. O comunicacional envolve:

- quantidade de informação necessária, numa situação comunicativa concreta, para que o parceiro seja capaz de reconstruir o objetivo da produção do texto;
- seleção da variante linguística adequada a cada situação de interação;
- adequação do gênero textual à situação comunicativa. (KOCH; ELIAS, 2012, p. 50).

O conhecimento metacomunicativo, por seu turno, outorga ao autor prevenir barulhos na interpretação, facilitando a compreensão do texto e a percepção dos objetivos pelo leitor, ao

considerar as ações linguísticas explícitas textualmente. (KOCH, 2002). Já o superestrutural abarca os gêneros textuais em suas características peculiares, o que permite serem percebidos como exemplares de produções sociais válidas e representativas de diferentes eventos comunicacionais.

Conforme Koch (2002), esses conhecimentos são incorporados pelo contexto, outro conceito fundamental para a LT. Segundo a pesquisadora:

O contexto, da forma como é hoje entendido no interior da Linguística Textual abrange, portanto, não só o co-texto, como a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sócio-político-cultural) e também o contexto sociocognitivo dos interlocutores que, na verdade, subsume os demais. (KOCH, 2002, p. 24).

Essa assertiva destaca a conexão entre campo linguístico e campo social. Revela, dessa forma, o quanto o movimento de leitura pode ser dinâmico se considerarmos as contribuições particulares dos interlocutores, bem como as alterações promovidas a partir do próprio contato.

No que diz respeito ao trabalho escolarizado com leitura, Solé (1998), igualmente, embasada em uma abordagem interacionista, discute que o docente-mediador deve propor situações leitoras nas quais os estudantes experienciem o uso de estratégias para qualificar o contato com o texto, assim como a percepção sobre as referidas relações implicadas nessa interação. Por conseguinte, a autora discute que a aprendizagem da leitura: “[...] requer uma intervenção explicitamente dirigida a essa aquisição. O aprendiz leitor [...] precisa da informação, do apoio, do incentivo e dos desafios proporcionados pelo professor ou pelo especialista na matéria em questão”. (SOLÉ, 1998, p. 18).

Em vista disso, a pesquisadora defende que estratégias precisam ser ensinadas antes, durante e depois da leitura, uma vez que configuram ferramentas importantes na busca da compreensão textual. Sem instituir um limite inflexível entre esses três momentos, pretende situar que tal parceria ativa entre mediador e estudante contribui para posterior autonomia sobre o processo desse leitor menos experiente.

*Antes da leitura*, entre as ações possíveis, mobilizamos estratégias de conhecimento prévio, indícios sobre estarmos ou não compreendendo, a ponto de podermos – por exemplo – analisar, rejeitar ou criticar dado texto. Nesse momento, efetuamos previsões, levantando hipóteses sobre o tema e consideramos características estruturais do texto, as quais podem sinalizar para o que esperar ou como devemos nos encontrar com o texto em pauta. Entre as estratégias pontuadas por Solé (1998) para serem mobilizadas *durante a leitura*, destacamos: ler, solicitar esclarecimento a respeito do texto, prever encaminhamentos e resumir. Não se

pode determinar uma ordem rígida para elas, já que o acesso intencional a uma ou outra estratégia estará atrelado ao interesse do mediador e/ou leitor, bem como do texto explorado. As estratégias pensadas para *depois da leitura*, ainda, de acordo com Solé (1998), englobam identificação da ideia principal, elaboração de resumos e formulação de respostas e perguntas ao texto.

Nesses diferentes momentos, é possível identificar a presença e relevância dos conhecimentos referidos anteriormente neste artigo, como também o destaque às percepções sobre contexto, o que apoia – apenas como exemplo – nossa intenção ao enfatizar que teoria e movimento metodológico aproximam-se como saberes determinantes para o ensino e ou aprendizagem da leitura, mesmo que de natureza diversa. A relevância posta centra-se na dupla característica da atividade, que compreende complexidade progressiva e uma ação compartilhada entre os envolvidos, considerando, aqui, os atores da sala de aula.

Na continuidade, discutiremos argumentação como forma de situar nossas reflexões em um campo possível.

### **Argumentação: pontos de conexão**

Na abrangência da leitura, podem repousar ou serem articulados estudos sobre argumentação, haja vista que, para compreender e desenvolver habilidades argumentativas, é necessário, sobretudo, ser um leitor atento, com atitude responsiva e que disponha de subsídios para utilizar no processo de leitura. Cabe ponderar que há pessoas que apresentam poder de convencimento e de persuasão de modo tão natural que parece que essas habilidades são inatas. Já outras fazem uso sofisticado da argumentação, posto que se tornaram experts no emprego de estratégias argumentativas. Há, ainda, outro grupo, aquele a quem é delegada a função de ensinar a argumentar e, por conseguinte, aqueles que estão na posição de aprender.

Situados nesse último grupo de pessoas, nosso foco, aqui, é realizar a apreciação analítica da leitura de um artigo de opinião no qual o autor emprega a argumentação para sustentar seu ponto de vista acerca do tema tratado. Para tal e para situar nosso lugar de fala, neste espaço, resgatamos postulados acerca da argumentação na Linguística do Texto e que com ela dialogam, a fim de ancorar a perspectiva que assumimos em nossa análise.

Referendamos Koch e Elias (2014a), as quais concebem que a produção de sentido se efetiva na interação entre autor – texto – leitor. Logo, tem-se a projeção de que o autor planeje e realize seu texto tendo em vista um determinado interlocutor ou grupo de interlocutores. Além do exposto, Koch e Elias (2014b) pontuam que os textos equilibram informações implícitas e

explícitas e que o interlocutor estabelece a relação entre elas fazendo uso de “estratégias de sinalização textual”. (KOCH e ELIAS, 2014b, p. 31). Ao realizar esse jogo, o autor registra pistas no texto, as quais mobilizam a ativação de conhecimentos pressupostamente compartilhados entre autor e interlocutor.

Cavalcante et al. (2022) assinalam que os participantes envolvidos em uma dada situação comunicativa se posicionam socialmente e negociam sentidos, necessitando, para tal, realizar um recorte contextual para que, de fato, essa negociação ocorra. Isso tem se provado, cada vez mais, crucial na leitura e na argumentação. Assim, reiteramos o postulado de Koch (2018): argumentar faz parte da natureza humana.

A argumentação, por um lado, parece ser um fenômeno de linguagem tão simples, por outro, parece ser um processo extremamente complexo. Vejamos duas situações, as quais nos mostram que o jogo argumentativo depende dos envolvidos e do contexto.

Em uma atividade cotidiana, como uma ida a uma loja de produtos naturais, o comprador põe no cestinho os produtos que deseja adquirir e se dirige ao caixa para efetuar o pagamento. O vendedor, astutamente, com desejo de vender mais um produto, de modo simpático, olha para o comprador e seu cestinho e diz: “Vamos levar uma uvinha hoje? Tenho essa aqui: docinha! Aproveite e leve, ela dá somente uma vez ao ano! Prove uma para você ver que delícia que é!”. O uso persuasivo da argumentação, nesse caso, desencadeou uma ação: o comprador adquiriu as uvas. No entanto, somente ao chegar em casa, deu-se conta de que não precisava de uvas e de que as parreiras, de modo geral, produzem uma vez ao ano.

Agora, em uma outra situação, as notas das redações do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), a cada ano, assumem lugar de destaque na mídia nacional. Isso se deve porque, a cada edição do referido exame, menor é o número de redações que alcançam nota máxima. Esse cenário nos mostra que os estudantes têm se deparado com dificuldades na aprendizagem da argumentação, configurando-a como um fenômeno complexo, nesse contexto.

Se, conforme Koch (2018), argumentar é humano, o que tem acontecido na esfera educacional em se tratando do ensino da argumentação? Essa é uma pergunta provocadora, a qual nos conduz a pensar no funcionamento da argumentação nas práticas humanas, em especial na esfera da leitura. Nesse sentido, Koch e Elias (2014b, p. 24) dispõem que a “argumentação, é portanto, o resultado de uma combinação entre diferentes componentes”. Nessa composição, entra em cena a finalidade persuasiva do autor, a qual requer que ele contemple em sua argumentação três aspectos: a) a apresentação de uma proposta; b) o desenvolvimento de um raciocínio; e c) o alvo da argumentação.

Seguindo os postulados de Koch (2018), Cavalcante et al (2022) reivindicam que todo texto é argumentativo e para sustentar tal posição, enumeram cinco argumentos:

- em todo enunciado, há *pontos de vista* relacionáveis a diferentes enunciadore;
- tais pontos de vista são gerenciados por um locutor/enunciador principal, que escolhe, *intencionalmente*, como expressar e marcar a voz dos enunciadore, ao *tentar influenciar* o interlocutor e, às vezes, o terceiro;
- essas tentativas de influência são *estratégicas*, na medida em que fazem parte do projeto de dizer do locutor, que supõe [...] ter controle sobre suas escolhas;
- algumas formas de textualização, como a *sequência textual argumentativa*, explicitam o ponto de vista central que será defendido com base em um esquema de raciocínio; esse ponto de vista aparecerá, nesta situação, como opinião central de um enunciador;
- outras formas de sequência textual [...] não deixam de supor uma *orientação argumentativa*, na medida que também ajudarão o locutor/enunciador a gerenciar pontos de vista. (CAVALCANTE et al, 2022, p. 98, grifos das autoras).

A posição das autoras envolve acepções de outros estudiosos consagrados, os quais entendem que todo texto contém argumentatividade e orientação argumentativa. Ademais, Cavalcante et al (2022, p. 102) propõem que

[...] a argumentatividade possa ser evidenciada por critérios textuais, como a construção referencial, o uso de intertextualidades, a organização tópica, a articulação das sequências textuais, as marcas de heterogeneidades enunciativas, as estratégias de impolidez, e o que mais se associe a tais critérios. (CAVALCANTE, et al., 2022, p. 102).

Desse modo, considerando as disposições apresentadas sobre a argumentação até o momento e compreendendo a necessidade de observar o funcionamento da argumentação como uma prática social, selecionamos como *corpus* de análise um artigo de opinião, o qual traz à tona o posicionamento de um ator social acerca de um tema que assumiu um *status* de polêmica no cenário nacional em meados de 2023: a propaganda de 70 anos da Volkswagen no Brasil<sup>4</sup>. Para realizarmos a análise, antes de focalizarmos os aspectos nos quais nos ancoramos para apreciar analiticamente, cabe destacar que compactuamos com a definição de Bräkling (2000) acerca do artigo de opinião:

é gênero de discurso em que se busca convencer o outro de uma determinada ideia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação a favor de uma determinada posição assumida pelo produtor e de refutação de possíveis opiniões divergentes. É um processo que prevê uma operação constante de sustentação das afirmações realizadas, por meio da apresentação de dados consistentes, que possam convencer o interlocutor. (BRÄKLING, 2000, p. 227).

---

<sup>4</sup> A propaganda, em formato de vídeo, pode ser acessada no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=aMI54-kqphE>



De acordo com a autora, assim como os preceitos da argumentação ao longo do tempo, o autor do artigo de opinião objetiva convencer os interlocutores acerca de sua ideia. Para tal, faz uso de recursos linguísticos que o auxiliem a sustentar seu ponto de vista. Nesse sentido, na próxima subseção, dedicamos atenção aos recursos que são utilizados pelo articulista, consoante o ponto de vista da Linguística do Texto.

### **Referenciação: construção de objetos-de-discurso**

A maneira como o produtor do texto converte o “real” em referente é uma questão que, há muito tempo, mobiliza os estudiosos da linguagem. Koch (2002) esclarece que, a partir de uma visão discursiva do processo:

a referência passa a ser considerada como o resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar, ou sugerir algo, usamos um termo, ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como *objetos-de-discurso* e não como *objetos-do-mundo*. (KOCH, 2002, p. 79, grifos da autora).

Desse modo, ainda conforme a autora, a construção da referenciação no texto envolve os princípios da ativação, reativação e de-ativação. Enquanto os dois primeiros dizem respeito, respectivamente, à introdução e à manutenção do foco sobre determinado referente textual, o último concerne à desativação – mesmo que temporária – desse referente, tornando saliente um novo referente na superfície do texto. (KOCH, 2002).

Com relação à ativação do referente no texto, Koch (2015) explica que pode se dar de maneira “não ancorada” ou “ancorada”. Enquanto, no primeiro caso, o objeto de discurso introduzido no texto é totalmente novo, no segundo, o novo objeto de discurso “é introduzido, sob o modo do dado, em virtude de algum tipo de associação com elementos presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo, passível de ser estabelecida por associação e/ou inferenciação”. (KOCH, 2015, p. 70).

Constituem exemplo de ativação ancorada, segundo Koch (2015), as anáforas associativas. A seguir, exemplificamos tal processo com um excerto do texto que escolhemos para análise neste artigo:

O comercial da Volks se permitiu editar *a composição clássica de Belchior, Como nossos pais*. Na verdade, o que fizeram foi esquartejar a letra, os compassos, o andamento. *O verso “você diz que depois deles não apareceu mais ninguém”* sumiu do mapa, embora fosse o centro nervoso da intenção do poeta. (BUCCI, 2023, s.p.).

No fragmento, é possível observar que ‘o verso “*you diz que depois deles não apareceu mais ninguém*”’ relaciona-se ao referente “*a composição clássica de Belchior, Como nossos pais*”, anteriormente ativado, uma vez que se constitui como “ingrediente” desse.

Koch (2015) esclarece que é por meio do movimento de ativação e reativação de referentes que se constroem cadeias referenciais, as quais se concretizam, no texto, por meio de três estratégias, que envolvem o uso de: a) *pronomes*; b) *expressões nominais definidas* e c) *expressões nominais indefinidas*. Considerando-se as finalidades deste artigo, concentramo-nos nos itens “b” e “c”.

As expressões nominais definidas compreendem formas cuja configuração linguística mínima seja: “Determinante definido + Nome”. Conforme Koch (2015), essa categoria é composta por descrições definidas e por nominalizações. Neste artigo, focalizamos somente a primeira subcategoria.

As descrições definidas envolvem, consoante Koch (2015), a seleção de determinada(s) propriedade(s) do referente capaz(es) de caracterizá-lo, em virtude de serem relevantes, levando em conta as intenções que têm o produtor do texto. Quanto às expressões nominais indefinidas, pelos exemplos destacados por Koch (2002), é possível depreender que apresentam configuração linguística semelhante à das descrições definidas, com a diferença de que o Determinante é um artigo indefinido.

No quadro a seguir, constam exemplos relacionados a esses dois tipos, com suas subdivisões.

**Quadro 1** - Exemplos de expressões nominais definidas e indefinidas

TIPO	SUBDIVISÃO	CONFIGURAÇÃO LINGUÍSTICA	EXEMPLOS <sup>5</sup>
EXPRESSÕES NOMINAIS DEFINIDAS	Descrição definida	Determinante <sup>6</sup> + Nome	“a publicidade” “o entretenimento”
		Determinante + Nome + Modificador <sup>7</sup>	“essa maçaroca monstruosa” “O comercial da Volks”
		Determinante + Modificador + Nome	“a tamanha atrocidade”

<sup>5</sup> Com exceção dos exemplos referentes às descrições indefinidas com configuração “Determinante + Nome” e “Determinante + Modificador + Nome”, todos os demais foram extraídos do texto analisado.

<sup>6</sup> Koch (2009; 2017) esclarece que ocupam essa função artigos definidos e pronomes demonstrativos.

<sup>7</sup> Na função de Modificadores, encontram-se adjetivos, sintagmas preposicionadas e orações relativas, consoante Koch (2009; 2017).

EXPRESSÕES NOMINAIS INDEFINIDAS	Descrição indefinida	Determinante + Nome	Uma atrocidade
		Determinante + Nome + Modificador <sup>8</sup>	“um descalabro ofensivo” “um cortejo de seres frankensteinianos”
		Determinante + Modificador + Nome	Uma gigantesca atrocidade

Fonte: organizado pelos autores com base em Koch (2015).

Em se tratando da contribuição de tais expressões na produção de sentidos, Koch (2015) esclarece que, no caso da descrição definida, por meio do evidenciamento de determinadas propriedades do referente, muitas vezes o produtor do texto pretende dar a conhecer ao leitor/ouvinte algo que acredita ser desconhecido por parte desse. Outra função destacada pela autora para essas expressões tem caráter argumentativo, ao evidenciar “informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto”. (KOCH, 2015, p. 74).

No que tange às descrições indefinidas, Koch (2002) explica que, embora menos exploradas no campo teórico, quando, ao contrário do papel mais habitual, que é de introduzir referentes, essas expressões são empregadas com função anafórica. Tal emprego permite que o leitor verifique, na progressão do texto, o modo como o referente vai sendo construído, tendo, também, importância em termos argumentativos.

Finalizadas as disposições de âmbito teórico, passamos à análise do *corpus* selecionado, acompanhada das devidas discussões.

### **Análise e discussão**

Neste espaço, realizamos uma proposta de análise do artigo de opinião “A profanação da Kombi”. Antes de iniciá-la, precisamos ter no horizonte de reflexão algumas informações contextuais necessárias à exploração textual. Vamos a elas. O referido texto é de autoria de Eugênio Bucci, professor titular da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Dentre outros temas, ele dedica-se ao estudo da Ética na Comunicação. Em seus espaços de publicações, constam revistas e jornais reconhecidos nacionalmente, a exemplo, a Revista Veja e o jornal O Estadão, sendo esse um dos locais em que publicou o texto em pauta. A versão aqui analisada foi capturada da página jornalística Brasil 247.

<sup>8</sup> Na função de Modificadores, encontram-se as mesmas categorias registradas com relação às descrições definidas: adjetivos, sintagmas preposicionados e orações relativas.

Um ponto crucial em relação ao gênero textual artigo de opinião é o seu contexto de produção: trata-se, em certa medida, de uma resposta à publicação de um fato de interesse de uma coletividade. Por meio da escrita, o autor do artigo de opinião emite seu posicionamento em relação ao fato com o intento de que outras pessoas passem a aderir ao seu ponto de vista.

No caso de Eugênio Bucci, seu posicionamento é em relação à publicação de um filme (assim nomeado pela Volkswagen) em comemoração aos 70 anos da atuação da marca no Brasil, divulgado nas principais plataformas digitais, em especial, o Youtube, a partir de 04 de julho de 2023. Esse material gerou uma enorme repercussão e dividiu opiniões no país: de um lado, aqueles que acharam a campanha apazível; por outro, aqueles que entenderam que a Volkswagen ultrapassou limites éticos ao se utilizar da inteligência artificial para recriar a imagem de Elis Regina, além de usar trechos da canção *Como nossos pais*, de Belchior, cuja composição é oriunda de um contexto de Ditadura Militar e cujo compositor sofreu censuras.

Com relação aos consumidores da publicação, convém supor quem seriam os possíveis leitores do texto em pauta. Assinalamos que os interlocutores que configuram o alvo da produção argumentativa referida costumam ser interessados em assuntos atuais e/ou polêmicos.

Realizadas essas considerações, dispomos que os três fios teóricos condutores, aqui, são entrecruzados com vistas a constituir a análise.

A localização anterior já renderia algumas possibilidades de exploração *antes da leitura*, propriamente dita, do artigo de opinião de Eugênio Bucci, uma vez que conhecimentos prévios sobre o autor, seus assuntos de interesse para publicação ou mesmo seu estilo de produção já constituiriam bons sinalizadores sobre possível posição crítica e muito bem articulada ao abordar o assunto do texto em questão – no caso característica marcante desse professor ao se pronunciar sobre diversos assuntos.

Considerando os conhecimentos linguísticos, vemos que, em termos referenciais, o título já se compõe de uma descrição definida. “A profanação da Kombi”, ao mesmo tempo em que remete para a Kombi, um veículo icônico em se tratando da marca anunciada na peça publicitária, também, ao ser relacionada ao nome “profanação”, isto é, aquilo que desrespeita o que é considerado sagrado, já traz indícios para o leitor da linha argumentativa que será seguida ao longo do texto.

Imaginando que – talvez – tal conhecimento não seja familiar aos estudantes do Ensino Básico, seria possível provocá-los sobre a contribuição que tais informações prévias podem trazer para o encontro com um texto. Se a atenção fosse direcionada para o título do artigo e, a partir desse, se estabelecesse um movimento de levantamento de hipóteses, seria possível

investigar os saberes dos leitores sobre a Kombi como uma espécie de símbolo de uma época do Brasil, indiciando que tal imagem será maculada, já que a opção pelo léxico “profanação” – apresenta carga negativa. Assim, a consideração de aspectos linguísticos auxiliaria na análise para refutação ou ratificação das hipóteses aventadas inicialmente, além de deixar o leitor em alerta para o que poderia esperar do texto, dada sua estrutura argumentativa.

Ainda sobre o título, é possível afirmar que sumariza e apresenta a proposta do autor para a situação comunicativa em questão. Somando tais considerações às demais abordagens suscitadas em momento prévio à leitura, podemos inferir a orientação argumentativa do texto, bem como sua intencionalidade: posição crítica e contrária à campanha comemorativa de 70 anos da Volkswagen no Brasil com vistas a buscar a adesão do interlocutor acerca da opinião anunciada.

Na continuidade do texto, a ideia já sugerida pelo articulista por meio das escolhas lexicais do título é desenvolvida no subtítulo, frase sintética que pinça, com pequenas alterações, um trecho do texto principal do artigo. Desse modo, “o comercial da marca alemã” é equiparado à expressão “um descabro ofensivo”, respectivamente, uma descrição nominal definida e uma descrição nominal indefinida que ativam esse referente. Ambas as expressões, somadas às apresentadas ao longo dos quatro primeiros parágrafos, vão construindo uma imagem bastante negativa desse referente, haja vista que, ao lado de descrições nominais como “uma campanha que a Volkswagen lançou”, “a peça publicitária”, “o comercial da marca alemã” e “o comercial da Volks”, o articulista traz a descrição nominal indefinida “um descabro ofensivo”, bem como as descrições definidas “a tamanha atrocidade” e “essa maçaroca monstruosa”.

Adentrando na crítica ao comercial, Bucci concentra-se, na sequência do quarto parágrafo, num duplo movimento anafórico associativo: sendo a peça publicitária composta, também, por uma música, e essa, por uma série de elementos constitutivos característicos, o articulista discorre sobre tais elementos. Assim, tematiza “a composição clássica de Belchior, Como nossos pais”, retomando-a, metonimicamente, pela descrição definida ‘O verso “você diz que depois deles não apareceu mais ninguém”’, o qual, conforme Bucci, embora constituiria “o centro nervoso da intenção do poeta” (nova descrição definida), foi retirado por meio do que o autor denomina, via descrição indefinida, de “uma lobotomia perversa”, assim como foram operadas “outras amputações tópicas” (nova descrição definida).

Ainda via anáfora associativa, volta à cena o modelo de automóvel que figura no início do texto, agora referido, via descrição definida, pela expressão “A Kombi, das nossas memórias

mais inocentes, mais preciosas”, a qual, dessa vez, é equiparada, por meio de duas descrições indefinidas, a: “um féretro de mortos-vivos artificiais” – numa referência indireta à participação da cantora Elis Regina, mediante o uso de Inteligência artificial – e “um cortejo de seres frankensteinianos”.

Em meio a uma série de referentes que remetem para o comercial, no terceiro parágrafo, via descrição definida, um novo referente é ativado. Em um movimento textual que parte do específico para o geral, Bucci, ao fazer menção ao órgão que trata da regulação publicitária, ativa um novo referente, o qual é marcado textualmente por meio da descrição definida “a publicidade”. Pelo cotexto, é possível observar que não se trata, especificamente, da peça publicitária que motivou a produção do artigo, mas do fazer publicitário em geral.

Desse modo, do sexto ao nono parágrafo, o referente “a publicidade” é retomado, seja por meio de anáforas associativas – ‘os bisturis do que chamam de “alma do negócio”’ e “a turma autoproclamada criativa” – seja mediante o emprego de descrições definidas que remontam mais diretamente ao mercado publicitário – “a ganância dos anunciantes”, “a vaidade marquetófila”, “o mercado dos anúncios de mercadorias”, “as estratégias do *advertising*” –, culminando em uma descrição definida de grande peso argumentativo: “o cemitério da arte”.

Cabe destacar que, embora focalize com mais ênfase a questão publicitária de maneira mais geral, o autor do artigo, em meio à crítica que faz ao mercado publicitário, não deixa de tratar da peça referida no início do texto, reativando esse referente, ao empregar as descrições definidas “a Volkswagen” e “a campanha da Kombi embalada”, haja vista que, pelo jogo argumentativo estabelecido, o referido comercial levaria ao paroxismo as estratégias da publicidade que ele condena.

Movimento semelhante ocorre nos três últimos parágrafos do texto, nos quais Bucci estabelece um jogo referencial entre descrições definidas que remetem para “a publicidade” (nomeada dessa forma duas vezes) e um novo referente ativado: “o entretenimento”. Esse, após a ativação, é retomado, seja por uma expressão idêntica (cinco vezes), seja por outras descrições definidas (“a propaganda ininterrupta de si mesmo”, “a massa imensa do entretenimento”), e mesmo descrições indefinidas: “um mercado anunciante expandido”, “um pot-pourri de artes caídas”. Pareando-o com “a arte”, o autor retoma a ideia de que a publicidade, ao se valer de objetos artísticos e culturais, reduz esses ícones em prol do entretenimento.

Finalmente, no último parágrafo do texto, a ideia de “falsificação” da arte na publicidade pelo entretenimento é reforçada, culminando em um retorno ao referente que fora ativado inicialmente no artigo. Via descrição definida, a peça publicitária tematizada por Bucci retorna

à cena, por meio de uma anáfora associativa. Assim, “a Kombi apocalíptica”, de certo modo, sumariza a crítica que faz o autor com relação à peça publicitária que trouxe, conforme sua argumentação, a imagem da cantora Elis Regina e trechos da composição de Belchior, ambos os artistas, já falecidos, o que representaria “um descabro ofensivo à arte, à música brasileira e à memória cultural do Brasil”.

A construção referencial presente no artigo de opinião em questão foi, aqui, pormenorizada por meio das expressões nominais definidas e indefinidas. Dessa maneira, essas expressões não somente evidenciam a argumentatividade do referido texto, mas também configuram base junto a demais subsídios inerentes ao trabalho com leitura para pensar possibilidades de exploração da argumentação em cenário escolar.

Nesse movimento analítico, é possível mobilizar o conhecimento ilocucional do estudante-leitor e favorecer o reconhecimento dos propósitos do autor, que vai deixando construções linguísticas bem concatenadas. Essa relação entre contextos (linguístico e extralinguístico) auxilia a evitar os referidos “barulhos na interpretação”, proporcionando uma dupla face nos conhecimentos metacomunicativos: do leitor para o texto e do texto para o leitor.

Não seria estranho se muitas informações sobre as músicas ou sobre os próprios cantores precisassem ser resgatadas a partir da mediação do professor, o que mobilizaria ou ampliaria o conhecimento enciclopédico do estudante. Nessa investigação ou lembrança compartilhada, o alcance da análise seria ampliado *durante a leitura*, contribuindo para a compreensão global do artigo de Bucci. Muitas perguntas e muitas respostas, provavelmente, seriam geradas, *após a leitura*, sobre o conteúdo do texto, sua estrutura organizacional e linguística e os efeitos obtidos com as estratégias exploradas pelo autor. Outro ganho, que merece destaque, envolve a percepção do estudante sobre todo o caminho trilhado e das estratégias acionadas colaborativamente – conhecimentos a serem ativados em leituras próximas.

Ainda, observando cada escolha ou o conjunto das escolhas linguísticas de Bucci para expressar seu posicionamento, podemos indiciar o quão marcada está na materialidade do texto a intencionalidade da crítica contundente em relação à campanha publicitária em pauta. Em nossa ótica, essas opções foram estratégicas e tanto na posição de estudiosos do texto como de professores, cabe-nos identificá-las e explorá-las no viés da leitura, a fim de que leitores em formação possam observar como se constitui a argumentação no gênero textual em questão e até mesmo diferenciá-lo de outros, por exemplo, a redação do ENEM, posto que tais alternativas se configuram estratégicas no contexto do artigo de opinião; para a redação do ENEM, outras precisariam ser empregadas.

Detalhamentos diferentes desses poderiam ser apresentados como possibilidades de análise. Porém, concentramo-nos em sinalizar para a relação que existe entre alguns fenômenos que estão imbricados quando exploramos um texto e a viabilidade de qualificar o processo leitor ao mobilizar conscientemente determinadas estratégias.

### **Considerações finais**

Ao organizarmos este artigo, buscamos “discutir a importância da referenciação no processo de leitura, principalmente considerando as contribuições da Linguística do Texto e as implicações para o trabalho do professor em sala de aula”.

Com o intuito de evidenciar a validade da relação entre os tópicos-chave implicados na análise: leitura, argumentação e referenciação, alguns recortes teóricos e analíticos foram necessários para respeitar a extensão e natureza desta produção científica. Rememoramos, assim, mesmo que brevemente, questões fundamentais sobre os três fenômenos em pauta.

No que diz respeito à leitura, a perspectiva interacional ratifica ações compartilhadas entre professor-mediador e estudante, sujeitos sociais envolvidos na atividade leitora. Tal parceria, respaldada em concepções teóricas que consideram esse fenômeno processual, movimenta colaborativamente o acesso a estratégias mobilizadoras de conhecimentos prévios como subsídios para a elaboração de novos saberes.

A opção pelo campo argumentativo sustenta-se no fato de ser um saber rotineiro e imprescindível no dia a dia de qualquer pessoa. Argumentamos constantemente. Essa é uma certeza. Dada essa constatação, torna-se indispensável o trabalho com textos argumentativos em sala de aula, espaço em que os estudantes podem qualificar sua compreensão e ciência das possibilidades de organização do agir argumentativo.

Em relação ao recorte linguístico envolvendo referenciação, acreditamos que foi possível espelhar que uma análise criteriosa sobre as relações propostas pelo autor é reveladora da constituição da carga argumentativa pela percepção de elementos intra e extratextuais. Assim, a partir de algumas discussões, consideramos ter investido no objetivo recuperado no início desta seção para alertar que não são, somente, os conhecimentos específicos da língua que facilitam a compreensão de um texto, mas o conhecimento desses, agregado a saberes prévios sobre gênero, sociedade e cultura podem facilitar e muito o trabalho com produções escritas, especialmente, no espaço escolar.

### **Referências**



BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de. *New foundations for a Science of text and discourse: cognition, communication, and de freedom of access to knowledge and Society*. Norwood: New Jersey, 1997.

BRÄKLING, Kátia Lomba. Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da ressignificação da palavra do outro. In: ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

BUCCI, Eugênio. *A profanação da Kombi*. Disponível em: <https://www.brasil247.com/blog/a-profanacao-da-kombi>. Acesso em: 10 ago. 2023.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; et al. *Linguística Textual: conceitos e aplicações*. Campinas: Pontes editores, 2022.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014a.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2014b.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. O texto na linguística textual. In BATISTA, R. O. (Org). *O texto e seus conceitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

## ANEXO

### A profanação da Kombi\*

O comercial da marca alemã é um descalabro ofensivo à arte, à música brasileira e à memória cultural do Brasil

14 de julho de 2023, 15:18 h

Na segunda-feira, dia 10 de julho, o Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar) abriu representação para avaliar uma campanha que a Volkswagen lançou para comemorar seus 70 anos de Brasil. Isso quer dizer que há um problema ético na peça publicitária. Ficou chato para todo mundo. O que mais incomodou as audiências menos insensíveis foi a trucagem por meio da qual a cantora Elis Regina, morta há 41 anos, foi posta para interpretar uma canção de Belchior enquanto pilota uma Kombi na contramão.

Você deve ter visto isso aí na TV ou na internet. Não é algo agradável aos olhos. Nem aos ouvidos. Com todo o respeito aos escapamentos dos automóveis, o comercial da marca alemã é um descalabro ofensivo à arte, à música brasileira, à memória de quem já partiu desta para a desconhecida e, sobretudo, às pessoas que, por ainda não terem falecido, tiveram de ser expostas a tamanha atrocidade.

O que o Conar vai decidir agora não importa. O mais crucial, nesta hora macabra, é compreendermos, com juízo crítico, por que a publicidade se sente autorizada a fazer do acervo cultural de um povo inteiro essa maçaroca monstruosa. O que foi isso? Como isso se tornou possível?

O comercial da Volks se permitiu *editar* a composição clássica de Belchior, *Como nossos pais*. Na verdade, o que fizeram foi esquartejar a letra, os compassos, o andamento. O verso “você diz que depois deles não apareceu mais ninguém” sumiu do mapa, embora fosse o centro nervoso da intenção do poeta. Vai ver ele foi tirado de lá justamente por isso. Alguém submeteu sua obra a uma lobotomia perversa, ao lado de outras amputações tóxicas. E tudo isso em nome do quê? De vender veículos automotivos? Belchior, que cantava “ano passado eu morri, mas este ano eu não morro”, morreu de novo. E de novo, e de novo. Ele está aí, morrendo em horário nobre.

Quanto a Elis Regina, foi exumada por truques malfeitos que, segundo se propagandeou, contaram com o auxílio de Inteligência artificial. Ora, senhores. Ora, senhoras. Haja mau gosto. Haja apostasia. Haja profanação. A Kombi, das nossas memórias mais inocentes, mais preciosas, ressurgiu no papel de um féretro de mortos-vivos artificiais a serviço do entretenimento, como num cortejo de seres frankensteinianos sem pé, sem cabeça, sem coração e sem espírito.

Sim, a gente já viu um milhão de vezes pequenas obras primas do cancionista serem mutiladas pelos bisturis do que chamam de “alma do negócio”. Sim, isso não é novidade. A turma autoproclamada *criativa* joga as recordações afetivas da gente em liquidificadores de titânio e as transforma em gororoba de defeitos audiovisuais que não têm princípio, nem vergonha, nem senso de responsabilidade estética. Desde sempre é assim, já sabemos.

Ou, sejamos menos vagos, é assim desde que os jornais industriais começaram a circular nas grandes cidades. Mas agora, francamente, o que pensar dessa dissecação despirocada? Este pessoal não tem respeito por Belchior, que morreu em 2017? Não presta nenhuma reverência a Elis Regina? Será que não existe lugar para a consternação na ganância dos anunciantes e na vaidade marquetófila?

No mercado dos anúncios de mercadorias, a senectude (70 anos!) não é sinônimo de maturidade, de mansidão, de serenidade, mas de um furor adolescente em torno do “vil metal” – expressão que a Volkswagen também teve o capricho de expulsar da letra de Belchior. Triste fim da poesia.

Mais uma vez fica provado que as estratégias do *advertising* constituem o cemitério da arte, ainda que se valham, aqui e ali, de subterfúgios que de longe lembram expedientes dos artistas genuínos. Na campanha da Kombi embalada, Belchior e Elis Regina são evocados como retalhos do que foram. Cacos de si. Carcaças em ferrugem. Ferro-velho.

Mas não é só na publicidade. O entretenimento – que engloba a publicidade – funciona como a propaganda ininterrupta de si mesmo, como se fosse um mercado anunciante expandido. Muita gente de boa vontade ainda vê ilhas de beleza sublime na massa imensa do entretenimento, mas cabe duvidar. Acima de tudo, o entretenimento opera como negócio – e apenas residualmente lança mão de um *pot-pourri* de artes caídas.

Seu propósito é cativar as audiências para torná-las, como o verbo prenuncia, cativas – prisioneiras, “fidelizadas”, encabrestadas. Onde a arte liberta a imaginação humana, o entretenimento adestra. Onde o artista revela, o entretenimento veda. Onde a arte desarranja o que era sabido e abre portais que deixam ver, num relance fugidio, a face desafiadora das coisas que não sabemos, o entretenimento ergue seus currais de influência e mando.

“O que é a aura?”, perguntou-se uma vez Walter Benjamin, pensando sobre esse mistério na obra de arte. Ele mesmo respondeu: “É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja”. Isso você não encontra no entretenimento, a não ser como lapso ou como falsificação. Quanto ao mais, o que nos resta é embarcar na Kombi apocalíptica.

\* Eugênio Bucci | Professor Titular da ECA-USP. Autor, entre outros livros, de *Existe democracia sem verdade factual?* (Editora Estação das Letras e Cores, 2019) Disponível em: <<https://www.brasil247.com/blog/a-profanacao-da-kombi>>. Acesso em: 10 ago. 2023.